

**Victor Fermino da  
Silva**

Universidade Metodista  
de São Paulo

## Resenha

# O que acontece em Vegas viaja o mundo

Submissão: 8-1-2019  
Decisão editorial: 14-4-2019

Resenha de: ALEXANDER, Robert; ISAGER, Christine (Orgs.). **Fear and Loathing worldwide: Gonzo Journalism beyond Hunter S. Thompson**. London: Bloomsbury, 2018.

Humor, drogas, rock 'n' roll e subjetividade em primeira pessoa. Seriam esses os ingredientes para recriar a aura do jornalismo Gonzo de Hunter S. Thompson? Será que o Gonzo ainda existe e não foi apenas um delírio de uma década específica? Será que ainda há continuidade? *Fear and Loathing Worldwide*, editado por Robert Alexander e Christine Isager, busca responder a algumas dessas perguntas, ou até inspirar novos questionamentos.

Desde a sua inepção, o Gonzo é percebido como um filho bastardo e drogado, fruto de um romance confuso entre o jornalismo e a literatura. Esta coletânea apresenta investigações a respeito de sua natureza, com um recorte global, como diz o nome. O Gonzo parece estar em todo lugar, ressignificado através de diferentes parâmetros. A variedade desses parâmetros é o que dá o tom da estrutura do Gonzo: ao retratar David Leigh (no capítulo apresentado por Nick Nuttall, chamado *The Truth is Always Gonzo: David Leigh, Politics, and the Frontiers of Secrecy*), a coragem jornalística está na reportagem com dados sensíveis; no capítulo *Scatological Anecdotes, Heavy*

*Drinking, and Backpacker Culture: Gonzo humor and Edgework in Contemporary Finnish Journalism*, feito por Joonas Koivukoski e Janne Zareff, a análise está no humor: no escatológico, no absurdo, no niilismo da comédia de costumes da classe burguesa.

A construção do livro favorece a leitura pausada, não apenas pelo seu formato de coletânea de artigos, mas pelos seus cambaleios permeando diferentes e diferentes espaços. Embora o Gonzo fizesse parte de um movimento cultural americano, seu charme foi exportado, como tudo que se impõe com sua fealdade americana em toda a sua beleza. Com sua popularidade, há uma tendência inerente a se transformar de acordo com os lugares e épocas onde essa técnica se replica.

As representações daqueles que são traços do Gonzo também são acompanhadas por ensaios sobre o que o “gênero” representa: o primeiro texto da coletânea, *Gonzo Down Under: Matthew Thompson and the Literary and Political Legacy of Hunter S. Thompson*, retrata um jornalista australiano, pelas lentes de pesquisa de Christopher Kremmer. Um Thompson que não é Thompson, fazendo muitas coisas que achamos que Thompson faria. Há coincidências, há inspirações e há paralelos, mas continua sendo a biografia de um outro autor que não é Thompson (apesar de o ser). Reproduzir o Gonzo o transforma em outra coisa?

Essa dúvida continua no capítulo intitulado *Gonzo Brazilian Style: Arthur Veríssimo's Adaptations of Thompson's Journalism*. Com autoria de Monica Martinez e Mateus Yuri Passos, dissectiona a percepção do Gonzo no jornalismo brasileiro, a partir da qual os autores do capítulo analisam uma visão do que é e do que não é na obra de Arthur Veríssimo. Trata-se de

uma análise a respeito de uma visão crítica do que faz com que o jornalismo seja Gonzo e um argumento em defesa de uma visão polifônica do gênero.

Os aspectos mais interessantes do *Gonzo Down Under* estão justamente na biografia do Thompson de baixo. As loucuras do boxe misto, as frustrações com o trabalho. É uma nova imagem do que pode ser o Gonzo: uma *persona* comercial (não de Jung) que pode construir uma experiência estética como a do Thompson americano. O Thompson de baixo é o início da construção de uma figura personalista, que pode escrever um novo *Fear and Loathing in Las Vegas* do seu jeito, nos moldes do Gonzo do Thompson americano. Em uma sociedade onde todo mundo é Gonzo, o único jeito de ser Gonzo é sendo percebido.

Como música de Bach, as narrativas vão andando de mãos dadas em direções diferentes, passeando entre a imitação, entre a estruturalidade e entre o questionamento. Retratar esse passeio pelo mundo todo não aparenta ser apenas pela pluralidade de vozes de autoria dos textos, mas também serviu para efetivar a materialidade do Gonzo. Não bastando apresentar os ecos de Thompson apenas nos EUA, a multiplicidade de ideias concorrentes em diferentes tempos e diferentes espaços mostra uma influência mais etérea do que apenas estética.

A articulação de cada um dos textos varia, de acordo com a tese apresentada por cada um. Na análise da obra de David Leigh por Nick Nuttall, há uma preocupação cirúrgica com a precisão dos textos. Na análise da crítica de Eduardo Ritter a Arthur Veríssimo (por Monica Martinez e Mateus Yuri Passos), o foco estava claramente no entendimento do discurso de Ritter. Em *Future Gonzo by Spider Jerusalem*:

*Thompson's Journalism Adapted to the World of the Graphic Novel*, onde há uma análise de Transmetro-politan, há uma proeminência imagética de uma caricatura cartunesca de Thompson na análise de Ashlee Nelson.

O texto sobre David Leigh, cuja jornada jornalística narra um episódio envolvendo o WikiLeaks, mostra uma outra face. Não mais o Gonzo precisa de uma poética visual baseada no sonho americano. É nesse texto que se entende o Gonzo trocando a LSD pelos bytes. O texto é político, mas continua descrevendo um estilo de reportagem que remete à comédia de costumes de outrora. Como experiência estética, o livro de Leigh sobre WikiLeaks e Julian Assange oferece aquilo que um leitor de *Fear and Loathing in Las Vegas* gostaria de ler, se estivesse buscando algo no mesmo gênero. Aura política diferente, experiência estética similar.

O papel do Gonzo como gênero intervencionista na política é ponto de análise também, e embora tenha uma seção própria para isso, a verdade é que o papel político do jornalismo literário é implícito, mas a defesa é de um processo mais próximo de um ativismo, sem medo. O conceito de *parresía* jornalística é o conceito do discurso com liberdade, oposto ao discurso dado pelo destino. Para se ter essa liberdade percebida, deve-se ter a liberdade visual. A figura do rebelde. A coragem jornalística como arma política.

A pluralidade de vozes no livro permite também a heterogeneidade de leituras. O que seria da contracultura sem o sexo e sem os gêneros, afinal? As críticas ao *écriture masculine*, que seria uma forma de escrita "típica de meninos", são a chave do capítulo *Mastering the Art of Being Powerless and Completely Stupid*: *Australian Gonzo as l'Écriture Masculine*,

redigido por Fiona Giles. Tal perspectiva representa mais um nó dentro da multiplicidade de debates a respeito do Gonzo, que dessa vez contesta a própria natureza do gênero. A esse ponto, não importa se o Gonzo possui reprodutibilidade ou não. O objeto da crítica é a estética masculina do gênero. Quando uma crítica dessas se impõe, enquanto ainda mostra uma subversão dessa natureza, o que se cria é uma contraposição à análise documental, embora os textos anteriores não chegassem ao ponto da eutrapelia.

Mas a discussão sobre a identidade do Gonzo afeta o plano concreto quando a coletânea repensa o conceito através do tempo. Com a leitura contínua de seus pilares, a névoa se dissipa e sugere que a poética do Gonzo se dá de forma menos estruturalista. A organização de partes e artigos (que funcionam como contos) estabelece um diálogo polifônico sobre a leitura do objeto, sem abrir mão da relação dialética que propõe um posicionamento sobre os diferentes fios de debates tratados nos textos.

Os questionamentos inspirados pela leitura deste livro fomentam uma discussão que não é só estruturalista, mas que pode também abranger os significados sociais e políticos do Gonzo e de outros gêneros jornalísticos, especialmente do literário. No meio da comunicação, entender e questionar é despertar uma sinapse de formas e formas de discursar.

A própria pluralidade dos textos sobre o Gonzo ajuda na compreensão da pluralidade do Gonzo, e como suas diferenças inter-espaco-temporais apenas servem de argumento a favor de uma ressignificação contínua do Gonzo. O que o torna Gonzo, entretanto, deve ser uma discussão por um bom tempo.

*Fear and Loathing Worldwide* discorre sobre o conceito do Gonzo como uma visão monolítica de um gênero mais tácito do que estruturalizado. Em sua *road trip* pelo mundo, o livro opta por não estabelecer narrativas alucinadas nem desconstruir demais. Não é uma obra esquisita demais de se ler, mas é rara demais para morrer no esquecimento dos estudos jornalísticos.

**Victor Fermino da Silva**

Mestrando em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo. Graduado em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: ferminovictorio@gmail.com